

ESPINOSA COMO PRECURSOR DAS NEUROCIÊNCIAS: A LEITURA APAIXONADA DE ANTÓNIO DAMÁSIO

Maria Luísa Ribeiro Ferreira

Universidade de Lisboa, Faculdade de Letras Portugal

Resumo:

Damásio procura alargar o domínio restrito da ciência, associando-a a outras manifestações culturais e mostrando o carácter criativo de todos os seus cultores. Propomo-nos neste texto acompanhar criticamente o modo como o neurocientista recorre a Espinosa, tomando-o como parceiro privilegiado de diálogo na árdua tarefa de explicar os poderes da mente humana, nomeadamente no que se refere ao mecanismo processual dos afectos, um temática determinante quer para o cientista quer para o filósofo.

Palavras-chave: relação corpo/mente, neurociências, emoções, mecanismo processual dos afectos, homeostasia, *conatus*.

Spinoza as predecessor of neurosciences: the passionate reading of A. Damásio

Abstract:

In this paper we intend to show how António Damásio surpasses the strict territory of science, arguing that it can be associated to other cultural domains and showing that all scientists are creative. Spinoza is taken as an unique partner in the difficult task of explaining the powers of human mind, especially in what concerns emotional processes, a decisive issue in Damásio's research, as well as in Spinoza's works.

Keywords: the body mind problem, neurosciences, emotions, emotional processes, homeostasis, *conatus*.

Um cientista que se revê na cultura *

Será admissível que um cientista da nossa época tome como guia um pensador do passado, inspirando-se nele para estudar a relação entre o cérebro e a vida afectiva? A resposta é afirmativa quando verificamos que António Damásio, nos séculos XX e XXI, recorre a Espinosa para se debruçar sobre a neurologia do sentir.¹ E se lermos atentamente as obras do cientista português, verificamos que nos seus escritos é frequente a presença de filósofos, escolhendo alguns como interlocutores privilegiados. De facto Damásio não esconde as suas preferências, entre outros, por Espinosa, Hume, William James e os actuais cultores do *body mind problem*. Tomando a ciência como um elemento determinante na caracterização cultural de uma época e de um país, consideramos que esta leitura do pensamento espinosano se enquadra perfeitamente no âmbito da presente publicação.

Em contraste com os seus colegas investigadores, António Damásio publica habitualmente em dois registos - num deles, adopta o discurso hermético e rigoroso que apenas os especialistas conseguem compreender totalmente; no outro, partilha com o grande público o seu saber e as suas experiências, obrigando este a questionar-se e a revisitar em sede científica muitos dos problemas que se colocaram (e continuam a colocar-se) à humanidade.

Contrariando o preconceito que identifica os cientistas como uma classe fechada, utilizadores de linguagens altamente especializadas, circunscritos a laboratórios e a instrumentos sofisticados de pesquisa inacessíveis aos leigos, António Damásio movimenta-se com à vontade no mundo da cultura, estabelecendo pontes entre a ciência, a literatura, a história, a música, a pintura e muitas outras formas de manifestação artística. Daí o fascínio da sua prosa, na qual as observações neurológicas alternam com o recurso a poetas, o mapeamento do cérebro recorre a exemplos tirados da música e da literatura e os problemas para os quais procura resposta se enriquecem com incursões em romances e filmes. Ele é um exímio contador de histórias, cativando a atenção dos seus leitores e seduzindo-os com uma prosa despreziosa e elegante. Daí o interesse que os seus livros despertam, tanto nos homens comuns como nos filósofos. Estes, frequentemente se

* O presente texto retoma alguns tópicos referidos em dois artigos publicados nos n.ºs 7 e 22 da revista *Philosophica*, do Departamento de Filosofia da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.

¹ António Damásio, *Looking for Spinoza. Joy, Sorrow and the Feeling Brain*, New York, London, Harcourt Inc., 2003. Trad. portuguesa *Ao Encontro de Espinosa. As Emoções Sociais e a Neurologia do Sentir*, Lisboa, Europa-América, 2003, posteriormente editado por Temas e Debates, Círculo de Leitores, 2012.
(Citaremos a obra a partir desta última edição).

servem dos escritos do cientista, utilizando-os como reforço avalizado que dão um chão credível às suas teorias especulativas.

Damásio procura alargar o domínio restrito da ciência, associando-a a outras manifestações culturais e mostrando o carácter criativo de todos os seus cultores, irmanando-os num mundo em que não só a razão mas também a imaginação tem um papel central. Cientistas, filósofos, escritores e músicos adquirem, pela mão de Damásio, o estatuto de agentes culturais. O que é extremamente motivador para quem pretende iniciar-se no terreno da ciência. Habitados a associar as ciências duras a uma linguagem circunscrita, entusiasmano-nos quando se nos abrem as portas de uma investigação da qual o seu autor nos faz cúmplices. A explicação paciente dos conceitos que utiliza bem como o recurso à experiência quotidiana constituem uma manifestação de generosidade e de partilha.

Enquanto amante da ciência Damásio pretende que participemos do seu amor. O que só é possível se nos forem fornecidas algumas chaves de iniciação às teorias que defende e aos métodos a que recorre. O leitor sente-se interpelado pois embora o universo científico não lhe seja habitual, o modo interessante como este lhe é apresentado torna-o atractivo. Longe de se circunscrever à companhia dos sábios, com os quais habitualmente dialoga, Damásio convida todos a entrar no circuito da ciência, integrando esta no domínio da cultura e, como tal, tornando-a acessível a não iniciados. Os seus escritos são eminentemente didácticos. Com eles procura motivar, informar e explicar assuntos que à primeira vista seriam rejeitados por não cientistas, quer pela dificuldade das matérias quer pela abstracção e especialização das mesmas. Ora uma das temáticas em que melhor verificamos o seu entusiasmo é a das neurociências. Sem nunca prescindir do rigor exigido a um cientista praticante, Damásio consegue encontrar o discurso que a todos toca e, deste modo, convida o homem comum a penetrar no mundo complexo do cérebro e do pensamento, estabelecendo ligações originais e imprevisíveis no que concerne à inter-actuação da actividade cerebral com a razão e com os afectos.

Propomo-nos neste texto acompanhar o modo como o neurocientista recorre a Espinosa, um filósofo seiscentista de origem portuguesa, tomando-o como parceiro de diálogo na árdua tarefa de explicar os poderes da mente humana.

Espinosa como interlocutor privilegiado

Note-se que o interesse de Damásio pelo autor da *Ética* não aparece logo nas primeiras obras em que divulgou ao grande público os resultados da sua investigação sobre os processos cerebrais. Num livro publicado em 1999 - *The Feeling of What Happens* - salienta alguns pensadores injustamente esquecidos, que se debruçaram sobre as emoções - Hume, no século XVIII, Darwin, William James e Freud em finais do século XIX.² Mas Espinosa não consta desta lista. Três anos mais tarde, em *Looking for Spinoza*, corrige este lapso, entabulando um diálogo intensivo com o filósofo judeu, numa tentativa não só de lhe atribuir o lugar que merece como precursor da neurobiologia como também de melhor compreender a sua vida, o seu contexto cultural e as teses por ele defendidas, nomeadamente no campo das emoções. Neste livro o cientista fala-nos dos vários caminhos que lhe permitiram chegar a Espinosa, caminhos nos quais se cruzam múltiplas viagens, permitindo aos leitores um conhecimento progressivamente aprofundado quer do filósofo quer das teorias científicas do próprio Damásio.

Seleccionamos em primeiro lugar a rota que nos permite visitar os lugares em que Espinosa viveu e escreveu. Numa curta apresentação resultante do contacto com o filósofo em 1999, o cientista recorda-nos as suas primeiras impressões de *Paviljoensgracht*, 72-74, ou seja, a casa onde morreu o autor da *Ética*. Esta incursão é pretexto para nos dar algumas informações sobre o filósofo, a sua família e os seus interesses. Uma outra visita à Holanda, no ano seguinte, é relatada no capítulo 6. Aqui tomamos conhecimento das origens familiares e sociais do filósofo, bem como da frugalidade da sua vida e das opções culturais e políticas que o nortearam. Nesta segunda visita Damásio debruça-se sobre as características da comunidade hebraica na qual primitivamente Espinosa se inseriu, retratando-nos a sua organização, os seus objectivos e as suas normas; numa palavra, reconstituindo a atmosfera que Espinosa partilhou antes de ser expulso da Sinagoga. É neste segundo percurso de aproximação à personalidade e à vida do filósofo que nos apercebemos das tensões religiosas existentes entre os judeus de Amesterdão. Também ficamos cientes das causas que motivavam uma obediência estrita às normas e aos preceitos impostos aos fiéis. O caso Uriel da Costa é-nos relatado como exemplo das dissidências constantemente ocorridas, tanto mais graves quanto se tratava de uma comunidade recentemente restaurada, ainda em fase de aprendizagem, após longos anos de diáspora e de perseguições, desconfiada perante interpretações subjectivas e desvios à

² *The Feeling of What Happens*, trad. portuguesa *O Sentimento de Si*, Lisboa, Temas e Debates. Círculo de Leitores, 2013, p. 58. (Editado primeiramente em 1999 pela Europa-América).

tradição. Deste modo se explica a violência do *Chérem* (ou *Hérem*) que recaiu sobre o filósofo.

Para além desta notícia sobre a vida e a personalidade de Espinosa somos informados quanto às tradições dos "marranos" e ao mundo dos "cristãos novos". O que também nos ajuda a perceber a permanente atitude de disfarce, ou seja, o modo sempre cauteloso como o filósofo se resguardou de possíveis detractores.³ Damásio fala-nos da Idade de Ouro da Holanda, uma época em que alguns homens ousaram (e conseguiram) pensar por si próprios, mostrando-nos como Espinosa reflectiu sobre a sociedade holandesa do seu tempo, inspirando-se nela para criticar os diferentes modos de governo que analisou nos seus tratados de política. Note-se que o filósofo fez uma gestão prudente das suas amizades e soube travar a tempo a publicação dos seus livros quando percebeu o impacto negativo que provocavam entre os "bem pensantes" da época. Quando, depois da sua morte esta atitude prudencial se desfez e a sua obra começou a ser conhecida, foram muitos os ataques e as atitudes persecutórias à publicação dos seus escritos, o que impediu o real conhecimento dos mesmos. Como escreveu Voltaire, Espinosa foi "menos lido do que celebrado."⁴

É neste cruzamento de percursos que Damásio insere a sua investigação sobre os mapas do cérebro, tomando como linha orientadora uma das temáticas espinosanas que mais lhe interessaram - o mecanismo processual dos afectos. A. D. partilha com o filósofo judeu o interesse pelas emoções e pela importância das mesmas no comportamento humano. Para o cientista, as emoções são reguladoras da vida, permitindo que nos adaptemos às circunstâncias. Para o filósofo, a gestão dos afectos é determinante para acedermos a uma vida equilibrada e feliz, condição básica para alcançarmos o *summum bonum*. Em *Looking for Spinoza* as intenções do seu autor ficam claramente definidas - estudar em clave científica as relações entre cérebro, alegria e tristeza, tomando em consideração o caminho escolhido pelo filósofo. A versão portuguesa, *Ao Encontro de Espinosa*, embora publicada no mesmo ano (2003) apresenta uma ligeira diferença. A ideia de procura que nos é dada pela expressão *looking for* é substituída pelo termo "encontro", o que não é indiferente pois por ele o leitor percebe que a busca efectuada foi frutífera. Também o subtítulo da versão portuguesa é menos atreito a identificações entre o cientista português e o filósofo judeu - *As Emoções Sociais e a Neurologia do Sentir*, não fazem

³ *Caute* (cautela) era o lema que Espinosa mandou gravar no seu anel de sinete.

⁴ "moins lu que célèbre". Assim reza ironicamente o poema de Voltaire: "Alors, un petit juif, au long nez, au teint blême/Pauvre mais satisfait, pensif et retiré,/Esprit subtil et creux, moins lu que célèbre/....." in *Oeuvres*, Paris, Moland, 1993, t. X, p. 170.

certamente parte do vocabulário de Espinosa e certamente que se lhe apresentariam como conceitos estranhos.

Uma outra diferença entre o cientista e o filósofo reside na selecção dos temas que cada um considera determinantes. Na sua tentativa de compreender Espinosa, tornando-o mais próximo de nós, o enfoque de Damásio é predominantemente biológico e antropológico, colocando em segundo plano a metafísica, a gnosiologia, a ética e a política e dando prioridade ao tema do corpo e dos afectos.

A análise empreendida por Damásio ao estudar a afectividade humana acompanha demoradamente a génese das emoções e dos sentimentos, esclarecendo os não especialistas relativamente a processos complexos como a regulação imunitária, o sistema imunitário, as percepções interactivas e outras manifestações semelhantes da maquinaria cerebral das emoções. E é nessa tentativa de simplificar e de tornar acessíveis ao leigo alguns processos que este dificilmente entenderia, que Damásio nos apresenta duas conclusões determinantes: Primeiro: que há uma distinção entre emoções e sentimentos e que estas são primordiais no processo do sentir. Segundo: que Espinosa pode ser considerado um proto-neurologista, pois também ele defendeu a tese de que o sentimento é posterior à emoção constituindo-se como um estágio segundo de uma sensibilidade básica. Estas duas conclusões explicam e justificam o interesse de Damásio pelas teorias sustentadas por este descendente de portugueses e o facto de o ter colocado acima de todos os filósofos do seu tempo.

Num livro recém-publicado, *The Strange Order of Things*⁵, verificamos uma presença subliminar de Espinosa, embora o filósofo não seja explicitamente mencionado.⁶ É uma obra que faz constantes incursões na biologia, no estudo das culturas, na ecologia, na filosofia e em diferentes ciências, com o predomínio dado às neurociências. Damásio admite que hoje gostaria de ser classificado como um cientista da vida mais do que como um neurocientista. E de facto os seus interesses neste livro debruçam-se sobre a biologia dos sentimentos, da consciência e das raízes da mente cultural, indo buscar tais raízes aos primórdios da evolução. Por isso analisa a génese das culturas humanas, ao mesmo tempo que menciona as "bactérias em cultura", contribuindo para o alargamento do conceito de cultura:

⁵ *The Strange Order of Things - Life, Feeling and the making of Cultures*. Tradução portuguesa *A Estranha ordem das coisas. A Vida, os sentimentos e as culturas humanas*, Lisboa, Temas e Debates-Círculo de Leitores, 2017.

⁶ Há uma única referência a Espinosa no capítulo final, p. 327.

Existe um outro uso comum da palavra «cultura». Curiosamente refere-se ao cultivo, em laboratório, de microrganismos como as bactérias: refere-se às bactérias *em* cultura, e não aos comportamentos supostamente culturais das bactérias (...) Seja por que prisma o encaremos, as bactérias estavam destinadas a fazer parte da grandiosa história da cultura.⁷

O intuito de Damásio neste livro é falar-nos da possibilidade de manifestações culturais em indivíduos não humanos, defendendo que os esquemas automáticos que regem os comportamentos das bactérias prefiguram alguns comportamentos mais complexos existentes em graus superiores da evolução. A tese do cientista Damásio contraria o modo habitual de pensar, sustentando que as culturas não estão no final de um processo evolutivo, mas sim no início do mesmo - de onde o título do livro.

Damásio debruça-se sobre os comportamentos sociais em organismos unicelulares sustentando que há comportamentos culturais nos insectos. Milhões de anos antes do aparecimento do homem verificamos a existência de comportamentos cooperativos nos seres vivos. E aqui entra uma outra tese fundamental neste livro - "a força imensa da homeostasia."⁸

Ao explicar o que entende por homeostasia o cientista defende-se da habitual identificação da mesma com o equilíbrio, preferindo associá-la à capacidade de perseverança no ser, comum a todos os seres vivos: "A homeostasia é o poderoso imperativo inato cujo cumprimento implica (...) persistir e prevalecer."⁹ Os organismos unicelulares respondem emotivamente às ameaças à sua integridade e lutam para se manterem vivos.

É inegável a semelhança entre a homeostasia damasiana e o *conatus* que Espinosa apresenta como essência dos seres singulares. Para o filósofo tudo quando existe, vivo ou não vivo, esforça-se por se manter na existência. O *conatus* é uma força que habita em todos os seres e que os torna dinâmicos, numa luta constante por manterem a sua existência, aumentando os poderes da mesma - *conatus sive potentia*. Por isso sustenta na *Ética* que "Toda a coisa se esforça, enquanto está em si, por perseverar no seu ser" bem como "Nenhuma coisa pode ser destruída a não ser por uma causa exterior."¹⁰

⁷ *A Estranha ordem das coisas*, p. 29.

⁸ Ob. cit. p. 324.

⁹ Ob. cit. p. 42.

¹⁰ "Unaquaeque res, quantum in se est, in suo esse perseverare conatur." Et. III, prop. VI, G.II, p. 240.

"Nulla res, nisi a causa externa, potest destrui", Et. III, prop. IV, G.II, p. 238.

Para Damásio, o esforço de perseveração no ser leva-nos não só ao convívio com os outros, como também está na base de actividades mais complexas como o levantamento de questões filosóficas, o cultivo das ciências, a fruição da beleza que nos rodeia, a invenção das artes e a construção da política.

Segundo o cientista, a homeostasia permitiu a sobrevivência e o florescimento do indivíduo, em sintonia com Espinosa para quem devemos cultivar as coisas boas da vida porque contribuem para a nossa realização.

A crítica ao dualismo cartesiano é uma constante do pensamento de Damásio e é revisitada neste livro que não se coíbe de criticar as ciências informáticas por ignorarem o poder dos afectos e apostarem exclusivamente na racionalidade:

O dualismo arraigado que teve início em Atenas, que teve Descartes como patrono, que resistiu aos ataques de Espinosa e que tem sido ferozmente explorado pelas ciências informáticas, é uma posição que o tempo vai abandonar impiedosamente.¹¹

Tal como Espinosa Damásio defende que a cultura humana não se constrói apenas pela razão, precisando dos afectos. Organismos complexos como o nosso não sobreviveriam na ausência de sentimentos. As decisões que nos parecem puramente racionais são sempre influenciadas por aspectos emotivos e estes são catalisadores das respostas que deram origem às culturas humanas. O cientista admite que os sentimentos provocaram um salto qualitativo no processo cultural e civilizacional pois permitiram a representação da vida mental do organismo. O filósofo considera as paixões como fenómenos naturais e recorre à gestão das mesmas para que construamos um vida feliz, valorizando as paixões de alegria. De igual modo verificamos uma aproximação entre ambos quanto ao combate às paixões tristes. Em Damásio a inveja, o ciúme, o medo, o desprezo, a repugnância associam-se a estados problemáticos de saúde e põem em causa um bem estar futuro. Espinosa combate as nossas paixões tristes por diminuírem o *conatus* próprio, ou seja, a nossa potência de agir.

A sintonia entre Damásio e Espinosa mantém-se quando se debruçam sobre a construção e o aperfeiçoamento das sociedades humanas. O cientista sublinha a relação entre formas benéficas de sociabilidade e sentimentos afectivos positivos. O filósofo critica uma visão negativa dos homens, combatendo a ideia de que estes são naturalmente culpados e

¹¹ Damásio, *A Estranha Ordem das Coisas*, p. 327.

pecadores. Para ele a natureza humana é boa e deve ser ajudada e cultivada. Daí a defesa de regimes políticos onde os homens possam viver felizes, expressando livremente as suas opiniões e elegendo aqueles que considerem mais aptos para a governação.

O diálogo entre ciência e filosofia

O recurso a filósofos como precursores de teses científicas é uma prática a que Damásio nos habituou pois nos seus livros de divulgação há um permanente diálogo entre escritores, músicos, pintores e outros agentes culturais, todos eles igualmente valorizados na construção de representações do mundo. Por vezes selecciona um nome para melhor realçar as suas teses. É o caso de Descartes ao qual recorre para criticar o dualismo entre corpo e mente. O filósofo francês foi explicitamente mencionado no título de uma das obras mais populares de A.D. - *O erro de Descartes*,¹² e as teses do filósofo francês foram revisitadas como pretexto para criticar o dualismo antropológico.

Diferente é a perspectiva damasiana sobre Espinosa, um pensador que ele classifica simultaneamente como "brilhante e exasperante"¹³ e a quem dedica todo um livro. Mas mau grado a distância temporal que o separa do autor da *Ética*, há inegavelmente teses comuns que justificam esta aproximação.

Damásio debruça-se sobre a génese e as diferentes modalidades do sentir humano relevando o papel das emoções e dos sentimentos como factores que pesam na construção do nosso eu e que influenciam o modo como captamos, compreendemos e avaliamos o real. Para ele há uma prioridade cronológica da emoção sobre o sentimento, visto que esta o antecede.

Permitimo-nos discordar desta interpretação de Espinosa por entendermos que ela não seria avalizada pelo próprio. De facto, o monismo que o filósofo defende é avesso a prioridades. Para ele, há simultaneidade, mas não identificação, entre as marcas que recebemos no nosso corpo e as percepções destas pela mente. Esta define-se como "ideia do corpo" (*Et.II*, prop. XI), o que implica dois registos que no entanto se referem a uma mesma realidade, da qual constituem dois pontos de vista diferentes.

¹² *Descartes' Error*, Putnam Publishing, 1994. Versão portuguesa *O Erro de Descartes*, Europa-América 1994 e Temas e Debates. Círculo de Leitores, 2011. Muita da popularidade deste livro foi devida a este título chamativo que na realidade não corresponde ao conteúdo da obra na qual as teses cartesianas ocupam apenas cinco páginas do capítulo 11.

¹³ *Ao Encontro de Espinosa*, p. 297.

A relação cérebro/mente tal como Damásio a perspectiva, motiva os filósofos actuais para um novo entendimento da liberdade. O cientista combate a tese, aceite durante séculos, de que as decisões são tanto mais conseguidas quanto mais as depurarmos de aspectos emotivos. A ideia de uma razão autónoma teve o seu apogeu em Kant e influenciou fortemente as orientações éticas da filosofia ocidental. Com a sua investigação no domínio da neurobiologia, Damásio trouxe para o cenário da liberdade e da vontade, elementos até então considerados espúrios, como a corporeidade e as emoções. Com ele somos levados a reconhecer que os actos livres implicam o homem total, com o seu corpo, os seus sentimentos e a sua razão.

Também não duvidamos que haja concordância entre Damásio e Espinosa na importância que ambos concedem ao corpo: "Ninguém até ao presente determinou o que pode o corpo", escreve o filósofo no escólio da proposição II de *Et. III*,¹⁴ simultaneamente um desabafo e um reconhecimento de uma situação de carência. Como sabemos, a anatomia e a fisiologia ensaiavam os seus primeiros passos no século XVII europeu, e os instrumentos que usavam eram rudimentares. Contrastantemente, Damásio serve-se de conhecimentos científicos de ponta e utiliza técnicas que lhe permitem traçar mapas do cérebro, descobrindo as suas infundáveis possibilidades. Note-se que este *handicap* positivo do cientista não deixa de provocar efeitos perversos, especialmente na sua crença de que é possível anular a parte de mistério que se esconde em cada homem. Nos sofisticados mapas cerebrais que constrói, Damásio encontra respostas para as questões afectivas, éticas, culturais e mesmo religiosas dos humanos, o que o leva a entender a neurobiologia como panaceia universal e a procurar no estudo do cérebro a resposta para as grandes questões que têm perturbado a humanidade.

Espinosa acentua a importância do corpo e lamenta as falhas do conhecimento humano quanto aos seus poderes. Contudo, o corpo é para ele apenas uma entrada, entre outras possíveis que nos levam ao conhecimento do ser humano. A outra entrada a que temos acesso é a mente. Corpo e mente são modos dos dois únicos atributos da Substância que nos é dado conhecer. A dimensão da totalidade ocupa um lugar central no pensamento do filósofo. Mas esse Todo que Espinosa designa como Substância, ou Deus ou Natureza, não aparece no estudo de Damásio, como podemos confirmar pela consulta do seu índice remissivo onde não consta nenhum destes termos. Quase no fim da obra, Damásio interroga-se se gosta do filósofo que finalmente encontrou mas que no entanto continua a intrigá-lo. Mais do que gostar de Espinosa Damásio admite que foi por ele

¹⁴ *Et. III*, prop. II, sch., G. II, p. 228.

perturbado. E, no nosso entender, esse sentimento de inquietação que nos transmite deve-se ao facto de ter trabalhado exaustivamente algumas partes do sistema - os afectos - esquecendo o Todo em que eles se inserem.

Como já anteriormente referimos, as teses espinosanas assentam numa metafísica e o estudo das paixões que desenvolve nos livros III e IV da *Ética* remetem para uma base primordial que é o Deus Natureza apresentado em *Et. I*. Damásio privilegia o livro II e apresenta-nos uma leitura biologizante de Espinosa, sustentando que as imagens que temos são provocadas por sinais que partem do corpo. É este que lidera o processo do nosso comportamento, um corpo que se complexifica no cérebro e finalmente na mente que emerge do (e no cérebro).

Como já afirmámos, para Espinosa corpo e mente são o verso e o reverso de uma mesma realidade. Mas o filósofo judeu continua a falar de corpo e de mente, apresentando as suas diferentes propriedades. Quando se debruça sobre a especificidade de cada uma destas instâncias tem a preocupação de mostrar que elas constituem dois diferentes pontos de vista, sendo o real perspectivado quer sob o ponto de vista da extensão quer do pensamento. Enquanto humanos que somos não temos acesso aos infinitos atributos de Deus e devemos-nos circunscrever a estes dois, os únicos que nos é dado conhecer.

Significativamente, em *Ao Encontro de Espinosa* o livro V da *Ética* é praticamente omissa sem que o cientista toque num dos temas que mais problemas tem levantado aos estudiosos do filósofo. Refiro-me ao escólio da proposição XX, onde nos é proposto meditar "sobre a duração da mente sem relação com a existência do corpo." E é precisamente nesta parte que se coloca a importância do corpo no caminho trilhado pelos homens em ordem a alcançar a beatitude.

O conhecimento do nosso corpo só se completa quando o ligamos com os restantes corpos e com o resto do mundo. O meu corpo faz parte de um tecido de relações que entre si estabelecem elos de necessidade, de causalidade e de implicação. Se um elemento da Natureza se anulasse, tudo se aniquilaria, como diz Espinosa na carta IV a Oldenburg. O universo antropológico de Espinosa insere-se noutra, mais ampla, de natureza metafísica e cósmica. Contrastando com o solipsismo cartesiano, o autor da *Ética* tem sempre presente o Todo, de cuja actuação dependem a existência e manutenção das partes.

Há uma inegável semelhança entre Damásio e Espinosa na maneira como ambos nos apresentam o ser humano, no qual a mente é a ideia do corpo, constituindo com este

uma unidade indissolúvel. Mas sendo a análise de Damásio perspectivada "pelo microscópio da biologia", há nele um privilegiar do corpo, o que não acontece em Espinosa. Este não reduz a mente ao corpo nem entende o mental como uma complexificação do somático. Para o autor da *Ética* a simultaneidade com que qualquer marca do corpo é recebida pela mente não implica continuidade entre ambas as instâncias pois corpo e mente representam duas leituras diferentes de uma mesma realidade. Esta pode traduzir-se de infinitas maneiras embora os humanos apenas tenham acesso à sua vertente material e mental.

Esta ausência do Todo também se faz sentir na neurobiologia dos afectos que Damásio minuciosamente aprofunda nos seus livros. Tanto Espinosa como Damásio relevam a indispensabilidade do estudo das emoções para a compreensão do comportamento humano. Mas na explicação do carácter regulador das emoções e dos sentimentos o cientista utilizou recursos científicos que lhe permitiram ir mais longe do que o filósofo. O desenvolvimento das neurociências, da química e da medicina alargaram extraordinariamente o seu campo de actuação, não falando já dos recursos técnicos actualmente disponíveis. A possibilidade de recorrer à implantação de dispositivos cerebrais, à estimulação eléctrica, à tomografia, a remoções cirúrgicas, ao estudo das lesões permitiu-lhe "uma visão mais clara da maquinaria que controla a execução das emoções."¹⁵ E o interesse crescente da comunidade científica e filosófica dos nossos tempos pelo estudo das relações entre cérebro, mente e consciência proporcionou-lhe um trabalho em equipa, factor determinante para o aprofundamento desta temática.

Espinosa não teve meios científicos e técnicos que lhe permitissem aprofundar e levar mais longe o seu estudo das emoções e sentimentos, que ele designa genericamente por afectos. Mas nem por isso deixou de fazer uma análise fina dos mesmos, privilegiando, tal como Damásio, a alegria, cujo cultivo considera essencial para a saúde do organismo e para o florescimento de uma vida conseguida.

Grande parte das nossas decisões resultam do modo como as emoções e os sentimentos nos afectam. Espinosa na sua *Ética* coloca as paixões em permanente diálogo com a razão, reconhecendo no entanto que esta é inoperante para as controlar. A melhor maneira de gerir os nossos afectos é confrontá-los, tentando substituir as paixões negativas por outras, mais fortes, que as consigam anular. Uma "paixão má" impede a realização do nosso *conatus* e é perniciosa porque diminui a nossa potência de agir. Todos os seres são definidos a partir do esforço que os constitui e que a todo o custo pretendem

¹⁵ *Ao Encontro de Espinosa*, p. 78.

preservar e fazer crescer. Todas as coisas têm na sua essência uma força vital que as mantém na existência. As teses espinosanas relativas ao *conatus* aproximam-no do pensamento de Damásio. O esforço que segundo o filósofo impele todos os seres à manutenção na existência, assumindo no homem a forma de desejo,¹⁶ é reconhecido pelo cientista que o perspectiva num registo biológico, explicando-o em termos químicos e neuronais. O desejo (*cupiditas*) é o *conatus* tornado consciente. Por isso o autor da *Ética* o considera exclusivo dos homens. As paixões tristes são sempre más e não vale a pena combatê-las directamente pelo recurso à razão. Só nos veremos livres delas se as substituirmos por outras mais fortes, que permitam anular os efeitos perniciosos das primeiras.

A. D. tem sobre a natureza humana uma concepção unitária, analisando-a na sua realidade psico-somática e criticando a medicina ocidental que cada vez mais se recusa a tratar os humanos na sua globalidade psico-fisiológica. Os seus escritos ajudam a aprofundar a relação corpo/mente. Nos dias de hoje a linha dominante na antropologia e ontologia filosóficas é predominantemente anti-dualista. O *body-mind problem* voltou a ocupar um lugar central a partir dos anos 70 do século passado e não mais deixou de estar em cena, ocupando cientistas e filósofos. A prova são os inúmeros estudos dedicados a esta temática.¹⁷ As teses integradoras de Damásio situam-se nessa orientação unitária e oferecem-nos como mais valia um suporte científico para as especulações filosóficas que se tornaram sensíveis à interacção do físico com o mental. Na base desta visão monista Espinosa está presente embora o desenvolvimento das neurociências tenha aberto outras portas ao cientista luso. Na verdade Damásio sustenta que os processos mentais têm uma base biológica pois assentam na capacidade que o cérebro tem para construir mapas do corpo, algo que Espinosa nunca poderia concluir com os dados científicos de que dispunha.

Como consequência da interpretação biologizante que Damásio faz de Espinosa há temáticas determinantes do autor da *Ética* que são deixadas de lado. Tal acontece com o conceito de Natureza, esse Todo onde tudo ocorre e onde tudo se liga. Para o filósofo também há uma procura - a de uma vida em união com o Todo. É essa a mensagem final do livro V, no qual o *sapiens* é apresentado como aquele que conseguiu alcançar uma

¹⁶ "O desejo é a própria essência do homem (...) *Et.* III, Definição dos Afectos.

¹⁷ Já nos anos 80 do século passado se inventariavam os estudos sobre esta problemática. Vj. a resenha feita por M. Churchland, *Matter and Consciousness*. Cambridge, Massachusetts, MIT, 1988, nomeadamente o cap. 2 "The Ontological Problem (the Mind-Body problem)," pp.7- 49.

integração na Natureza, de que é parte integrante e onde encontra a beatitude. Damásio foi pouco sensível a esse fim, tendo sobretudo valorizado os meios que podem ajudar a alcançá-lo. Espinosa estudou as paixões com o objectivo muito concreto de as compreender e gerir, fazendo delas um instrumento de libertação. Mas o seu objectivo último não se reduz a uma imunologia mental, capaz de criar "anticorpos-anti-paixão". A *Ética* não tem como fim último uma terapia, ela pretende mais, ou seja, apresenta como meta aquilo a que chama "salvação" (*salus*). Esta é uma via difícilíssima, (*via perardua*) que poucos alcançam. Mas só a esses é prometida a beatitude, a forma suprema da alegria.¹⁸ As últimas páginas de *Ao Encontro de Espinosa* falam-nos das vantagens que o desenvolvimento da neurobiologia pode trazer a todos os homens, assegurando-lhes um futuro melhor e mais feliz. Pensamos, no entanto, que essa melhoria da condição humana está longe da suprema alegria proposta pelo filósofo holandês para quem o objectivo final da vida é que cada um descubra o seu lugar na totalidade cósmica a que pertence. A salvação, tal como Espinosa a defende, não motivou Damásio na sua caminhada ao encontro de Espinosa.¹⁹

Sem dúvida que o modo como Damásio nos apresenta a relação corpo / mente, bem como o seu entendimento da afectividade humana, encontram em Espinosa um antecessor. Quer o cientista quer o filósofo valorizaram as emoções e os sentimentos, afastando concepções moralistas que impediam os seres humanos de alcançar uma felicidade justamente almejada; ambos colocaram o desejo no centro das suas concepções antropológicas.

Damásio sentiu-se feliz em partilhar as descobertas e experiências que nos permitem compreender melhor a acção humana. Espinosa foi mais longe, propondo-nos um caminho para a beatitude. Os cientistas, tal como os filósofos, são filhos do seu tempo e são também arautos dos tempos futuros. Com a perspectiva de Damásio a grande conquista será uma maior aproximação da maneira como funciona o nosso cérebro pois deste modo conseguiremos controlar o nosso comportamento de um modo mais eficaz e melhorar a nossa qualidade de vida.

Presumimos, no entanto, que este objectivo não satisfaria totalmente o autor da *Ética*.

¹⁸ *Et.* V, prop. XLII, schol.

¹⁹ Para além dessa diferença, há que reconhecer outras, nomeadamente a perspectiva evolutiva e histórica que norteia os estudos damasianos sobre a origem neurobiológica das emoções, enquanto que o discurso de Espinosa se situa, como não poderia deixar de ser, numa perspectiva fenomenológica, centrando-se na descrição explicativa dos fenómenos que lhe é dado observar.

Bibliografia:

Churchland, M., *Matter and Consciousness*. Cambridge, Massachusetts, MIT, 1988, nomeadamente o cap. 2 "The Ontological Problem (the Mind-Body problem)," pp.7- 49.

Damásio, António, *Descartes' Error*, Putnam Publishing, 1994. Versão portuguesa *O Erro de Descartes*, Temas e Debates. Círculo de Leitores, 2011.

Damásio, António, *Looking for Spinoza. Joy, Sorrow and the Feeling Brain*, New York, London, Harcourt Inc., 2003. Versão portuguesa *Ao Encontro de Espinosa. As Emoções Sociais e a Neurologia do Sentir*, Lisboa, Temas e Debates, Círculo de Leitores, 2012.

Damásio, António, *The Feeling of What Happens*, versão portuguesa *O Sentimento de Si*, Lisboa, Temas e Debates. Círculo de Leitores, 2013.

Damásio, António, *The Strange Order of Things - Life, Feeling and the making of Cultures*, versão portuguesa *A Estranha ordem das coisas. A Vida, os sentimentos e as culturas humanas*, Lisboa, Temas e Debates-Círculo de Leitores, 2017.

Espinosa, *Spinoza Opera*, Karl Gebhardt, Heidelberg, Carl Winters, 1972, vols. III e IV
Voltaire: *Oeuvres*, Paris, Moland, 1993, t. X.

Maria Luísa Ribeiro Ferreira

Professora Catedrática (Aposentada) da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. Tem trinta livros publicados quer individualmente quer como coordenadora, nas áreas de Filosofia Moderna, Didáctica da Filosofia, Filosofia de Género, Filosofia da Natureza e do Ambiente.

luisarife @sapo.pt